

coisas que habitamos, coisas que deliram

Carla Castiajo

Curadoria: Eduarda Neves

25 jan 25 - 22 fev 25

Agradecimentos:

ESAP, Isabel Castiajo, Israel Matos, Marco Ferreira

Exposição patente de 25 de janeiro a 22 de fevereiro de 2025
de quarta-feira a sábado, das 15h às 19h



FICHA TÉCNICA

Direção *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *Manuel Santos Maia*

Assistente de Galeria *Luísa Rosas da Silva*

Estagiária *Rita Ferreira Costa*

Rua de Miraflor, 159, 4300-334, Campanhã, Porto

Quarta a sábado, das 15:00 às 19:00

929 113 432 | miragalerias@miragalerias.net

fb: [@espacomirafotografia](#) ig: [@espacomira](#)

youtube: [shorturl.at/kmEKM](#)



coisas que habitamos, coisas que deliram

Pouco depois, desencadeou-se a loucura do mundo.¹

Apenas o silêncio onde tudo se reúne. A ilusão e a fantasia convocam a memória e a paixão dos detalhes. As coisas desdobram-se em modos indeterminados — sem fronteiras entre interior e exterior, particular e universal, matéria e espírito, objectos e ideias. Molduras e espelhos afectam-se e contradizem-se — sem limitações. Linhas e cabelos. O esplendor do *nós* ou a quarta pessoa deleuziana que nesta exposição desperta. Entre a madeira e o vidro, o metal e o tecido, o papel e a linguagem, cada coisa torna-se uma multidão que ora nos atrai ora nos afasta. Suspensas em fios de seda, cabelo e algodão, na forma de alfinetes ou bastidores de madeira, as coisas densas e claras, opacas e transparentes, mostram-se como restos que se oferecem na sua finitude — o que é uma coisa, perguntou Heidegger? Como dizê-la? Procuramos o que os outros não querem saber. Persistimos no tempo e no que existe.

Pés e mãos, sapatos e luvas, guarda-jóias, travessões e ganchos, perucas, bonecas e espelhos — naturezas vivas que nos são dadas através da relação necessária que entre o esquecimento e o horizonte do prazer se instaura. Presenças usadas figuram na disposição soberana de histórias cuja anatomia se imobiliza no mistério das circunstâncias. No reino das coisas, é a invisibilidade dos corpos que sugere a teatralidade e a torna luminosa no espaço, evoca as formas e imagens que, na sua matéria, se abre à superfície, ao afastamento, à consistência ou à fragilidade. O olhar aproxima-se e distancia-se, rasga-se na intenção ou no acidente. Olhar de lado como quem está condenado a fugir de uma poética do toque. Uma qualquer extensão imaginária das máquinas de cena é o que as coisas parecem incorporar — a aventura de, ao contrário do Eclesiastes, correr atrás do vento.

A prática artística, tornada arte do fantasma e do real, assegura a materialidade e os sentidos, os corpos ausentes e presentes, a finitude na pobreza das coisas. Neste modo de ser das existências, nas quais a radical imperfeição consagra a grande saúde nietzschiana, acompanhamo-nos a nós próprios e encontramos a possibilidade de habitar o vasto cosmos. Nas palavras de Joseph Brodsky — *um objecto é o que torna íntimo o infinito*. Habitar abertamente os delírios e perturbar os nomes que imobilizam as coisas é o que uma exposição ainda pode cumprir.

Eduarda Neves

(a autora não segue o novo acordo ortográfico)

Carla Castiajo

***Coisas que habitamos, coisas que deliram*, 2025**

instalação

dimensões variáveis

Programa

25 janeiro, 16h

Inauguração da exposição

15 fevereiro, 17h

Performance, ativação da instalação por Maria João Costa Espinho

Carla Castiajo

Carla Castiajo usa o cabelo humano, os pelos púbicos e outros elementos orgânicos como principais materiais na criação de objetos para o corpo ou que aludem ao corpo. Ultimamente, tem utilizado também os têxteis, especialmente os bordados tradicionais portugueses na construção do seu trabalho.

Cruza diferentes áreas artísticas e diversas técnicas, recorrendo aos objetos do quotidiano e/ou a referências aos objetos que a rodeiam – ao doméstico, ao privado, ao íntimo, ao comum, ao mundano, aos momentos da vida quotidiana... As suas criações expõem uma tensão entre os opostos, como atração/repulsão, público/privado, sagrado/profano ou vida/morte. Numa constante reflexão sobre a finitude como uma força vital, toda a natureza humana é registada diariamente, repetidamente...

¹ Maurice Blanchot — *A Loucura do dia*. Lisboa: Edições Sr. Teste, 2020, p. 8.